

Esse ar pelo qual vocês lutaram tanto lembra-me a estranha obra de aranha embriagada, que constrói entretanto poderosa teia de fios aparentemente desconexos, envolvendo sua presa por todos os lados, sem deixar-lhe qualquer saída. A mais de meia centena de crônicas reunidas no presente volume teriam começado a ser escritas há uns vinte anos, no contexto geral da queda do Muro de Berlim, *ano zero* da nova civilização globalizada. Nos filmes, nas leituras, nos quadros, nos sucessos quotidianos que Halley seleciona e comenta, com acidez ferina verdadeiramente singular, registra a dolorosa perplexidade, não apenas da nossa *pequena geração* de então, diante do terrível mundo novo que se construiu ante nossos olhos nesses últimos trinta anos.

Em *Esse ar pelo qual vocês lutaram tanto*, verdadeiramente surpreso, voltei a reencontrar o jovem Halley que conheci nos anos 1980 e, com ele, as inquietações e os sentimentos que compartilhamos no passado, praticamente em cada texto, em cada crônica, em cada frase escrita, sugerida ou silenciada. Mesmo não tendo visto boa parte dos filmes analisados nem lido a maior parte dos livros discutidos. Passados já mais de trinta anos, nos aproxima ainda o doloroso dilaceramento por não se terem materializado os desejos e as esperanças que foram nossos.

Entretanto, aqui Halley não relê o vivido, em forma saudosa ou profética, a partir das esperanças de passado que se esfuma na imaterialidade de uma era que já define e sente como semi-irreal e mítica. Ao contrário, com os pés atolados no presente, declara sem dó dos seus leitores a vitória dos bandidos; a morte da revolução; a metamorfose da arte em decoração; o tação da brutalidade do consumo esmagando qualquer forma de sensibilidade. Anuncia sem pena o próprio fim da história, engolida pelas delícias do *mundo* que ironicamente define como

próspero, nascido da reificação plena das relações humanas na produção e no consumo do objeto-mercadoria.

Descreve em forma obsessiva, seja no comentário despreocupado de cena de filme visto, de passagem de romance lido, de sucesso cotidiano maior ou menor vivido, o eterno banquete em que o capital, com sua fome pantagruélica, devora os próprios criadores de riqueza, regurgitando-os como simples peças do maldito carrossel da *atualidade* que, agora, gira e gira sem parar, com luzes e cores deslumbrantes, sempre sobre o mesmo eixo, em eterna imobilidade. Os trabalhadores, que acusamos consciente ou inconscientemente de nos terem abandonado, ou talvez traído, ao não cumprirem com a vocação que anunciávamos prometeica. O proletariado, esse estranho personagem que já fecundou obsessivamente o imaginário que foi nosso e, que, em *Esse ar pelo qual vocês lutaram tanto*, não é citado, sequer uma vez, a não ser travestido nas vestes pobres do “cidadão” e do “consumidor”.

Apresentar um livro é delinear uma espécie de manual de instruções para uso, que o coloque sob a posição mais fácil de ser lido e compreendido, pelo mais vasto público. É algo que sinto e lamento não ter conseguido fazer. Na medida em que avancei na leitura de *Esse ar pelo qual vocês lutaram tanto*, penetrei em uma espécie de funil, de lembranças, de sentimentos, de inquietações e – por que não dizer – de medos, que me levou do largo ao estreito; do presente ao passado; do leitor geral, ao leitor particular. Confesso que terminei lendo o livro apenas para mim e para ninguém mais.

Estranhamente, me senti, mais uma vez, talvez a última, sentado em torno de uma mesa, contigo e outros tantos, procurando te convencer – e sobretudo me convencer –, que realizaste sensível e multifacetada reportagem fotográfica desses últimos anos, já definitivamente encerrados com o terrível naufrágio desse *mundo já não mais próspero*, onde as cores se embaciam e as luzes fenecem, devido ao vendaval que nos ameaça e nos engole, se não superarmos as contradições que não cessávamos de enfatizar.

Mario Maestri

Todos os textos deste volume já foram publicados antes, separadamente, como artigos ou colunas dos jornais *Opção* e/ou *Via Política*. Alguns há mais de vinte anos. Embora aqui estejam em sequência cronológica não se deve considerá-la rigorosamente. A ordem de um ou outro pode ter sido alterada em função de outras determinações. Quanto à forma e algumas vezes até mesmo quanto ao conteúdo foram bastante alterados, revistos, cortados, ampliados etc. O melhor, portanto, é considerá-los como uma reconstrução cujo propósito é compor ou deixar mais evidente uma unidade de pensamento que, se espera, está desde a origem subjacente.

Por outro lado, é importante destacar que o autor não tem a pretensão de emparelhá-los a qualquer outra coleção de artigos e/ou ensaios disponível nas estantes das livrarias. São apenas um punhado de *insights*, rabis-cos, rascunhos arranjados sob a forma de textos para jornais de opinião, onde o que talvez mais chame a atenção seja um radical desconforto com o grande consenso em torno do mundo submetido ao capital e à forma mercadoria e sua incontestada vitória política sobre as alternativas até aqui vislumbradas. Numa palavra, sim, o *mundo próspero* venceu, é absolutamente hegemônico, mas o que nos resta é lamentar.

H. M.



UMA FOTOGRAFIA

Fotografia publicada no jornal mostra um manifestante atirando uma lata de lixo contra a barreira distante de policiais numa rua de Nice na Riviera Francesa. Fotos como essa, sempre encimadas por títulos que anunciam batalhas de rua e protestos contra o que os jornais chamam de *globalização*, têm sido constantes de alguns meses para cá.

Se jornais existem, certamente não é para revelarem o que quer que seja que não breves escândalos do cotidiano do Estado e da economia. Nada há de estranho que reproduzam o sentimento médio da civilização ao redor, chafurdando na mesma mixórdia que alimenta os apetites toscos do gosto dominante. Por isso não se pode exigir deles que tentem desvendar o mundo para além da sua superfície rasa ou revelar o sentido dos fatos com os quais trabalham. Se muitas vezes exibem essa pretensão, é um problema mais de ego que propriamente de função. E há, é claro, uma civilização que se tornou hegemônica não apenas num ramo da atividade econômica, mas também na política, em todas as possíveis políticas. Os repórteres ou as empresas que os empregam batizaram-na de *mundo globalizado*, às suas ações de *globalização* e aos seus agentes de *mercado* (que assim dissimulados são dissolvidos na névoa, deixam de ser gente e agrupamento social específico para se tornar coisa intangível, *o mercado* ao invés de, por exemplo, *os mercadores* ou, mais simples ainda, *os donos do capital*, informação bem mais precisa e de acordo com os manuais técnicos das redações que, aqui, naturalmente, são desprezados). Nada há de muito novo nessas categorias exceto o próprio rótulo, além, é claro, do tamanho do seu poder sobre a vida no planeta.

O fato é que não se pode acusar aos profissionais da mídia por não desvendarem os segredos da civilização que os cerca: ela é apenas a civilização, eles são apenas bons profissionais, assim como os policiais que formam a barreira à frente do manifestante na foto são também eles tão

somente bons cumpridores da ordem constitucional vigente. Aquela que a todos nós dá berço e guardida, não importa o preço a ser pago ao final.

*

Uma curiosidade nas fotografias semelhantes à citada: em nenhuma delas aparece um único manifestante discursando. Não há tribuna, nem rosto, nem nome, nem fala. É como se não existisse um discurso, um sentido no gesto retratado. No entanto, existe uma clara manifestação e como essa tem havido várias. Sempre num evento de grandes executivos – políticos, chefes de Estado, banqueiros, dirigentes de corporações industriais com ramificações extranacionais, fóruns de comércio mundial, encontros esportivos planetários. Os protestos aparentemente são contra o modo de vida estabelecido que esses senhores e senhoras (ainda poucas, mas em número crescente) representam e no qual seus interesses são dominantes, o modelo civilizatório que, como deuses, construíram à própria imagem e semelhança e contra a política que o representa. Mas neles parece não existir uma política. Essa ausência revela o quão profundamente aqueles manifestantes (e não apenas eles) foram derrotados e o quão profundamente a mercadoria (Deus) se apossou da alma da cidade.

*

Basta, por exemplo, comparar essas fotografias com os registros das manifestações que, em maio de 1968, ocorreram em praticamente todos os continentes. Lá estavam, nos nomes e rostos e tribunas e discursos, políticas que antagonizavam um mundo tremendamente poderoso, mas distante ainda do poder que alcançaria menos de três décadas depois. Porque não avassalava as almas e os desejos esse poder não ocupava todo o campo político.

Agora, o que queremos nós que não fazer uns pequenos acertos nesse capitalismo tão desleixadamente batizado de *mundo globalizado* e que nem mais interesses parece ter, já que se tornou *o mercado*, totalidade fantasmática inatacável/ invulnerável? Que desejo teria restado que não o do acesso de *todos* à mercadoria sob a divina máscara do seu fascinante fetiche?

*

Agora, essas tão curiosas fotografias e essas manifestações nos fóruns dos donos deste *novo mundo*. E nelas e nos títulos e subtítulos que as encimam uma outra curiosidade: os jornalistas, talvez contaminados pela febre de liberalidade que lhes permite chamar especuladores de *o mercado*, não conseguiram ainda lhes impingir uma etiqueta mais palpável que *manifestantes*, algo mais perigoso e ameaçador como *comunistas* (que o comunismo já foi enterrado), *anarquistas* (cujo fim vem de mais longe ainda), *terroristas* (já que quando muito carregam nas mãos apenas pedras ou paus), enfim, quando já não existe mais oposição política, como marcá-los para que provoquem medo? De mais a mais, qual a necessidade disso?

*

Sob o espectro dos instantâneos, a insistente recorrência de que existe certo grau de parentesco entre essas manifestações e o patético personagem que durante anos atormentou a mídia e a polícia secreta americana, popularizado como *Unabomber*, no que ele, ainda que apenas simbolicamente, poderia ter de afirmativo: um furioso e provavelmente tresloucado sentimento anticapitalista.

A loucura e a fúria, sempre ridicularizadas pelos donos do poder, não são resultado da ausência de um mundo plausível que seja também desejável? Ou inversamente, um mundo apetecível que seja ao mesmo tempo viável.

Nichos onde se escondem os estilhaços de um sentimento que não consegue mais se fazer política. Até quando? Serão eternamente apenas isto, nichos do impossível desejável?

*

(Porque na política o máximo à esquerda que se concede agora é inteiramente no campo do mercado e mesmo ferrenhos esquerdistas se veem forçados a se agarrar com unhas e dentes ao mais basal keynesianismo.)



FIDELIDADES DILACERADAS

(*FILMES*)



A MÁFIA DE COPPOLA

O que primeiro me vem à cabeça é o desencantamento de Kate com Michael. Um desencanto que cresce na exata medida em que ele deixa de lado a farda do exército do seu país para combater nas fileiras da família (“a Máfia”). A moça rica americana não suporta a violência nem a natureza da fortuna mafiosa. Ela não pode tolerar o apelo dos laços sanguíneos na definição do caminho do marido. Kate nada tem contra a fortuna, mas só consegue aceitá-la se gerada e embalada pelo puritanismo, sob a legitimidade da ética religiosa e a legalidade do Estado, embalada pela aura de mistério e ilusão que esconde suas entranhas pútridas. Curiosamente, é a mesma Kate quem, no início da terceira parte do filme, afirma ter mais medo de Michael agora, quando se tornou um *big boss* com negócios e negociatas como qualquer outro, que antes e diz preferi-lo quando era um “simples *gangster*”. Como pano de fundo das reações de Kate há uma longa história.

*

Certas formas genuinamente familiares, seculares, constituídas em regiões onde o tempo, a fortuna e as leis são contadas sem a presença do Estado, reguladas, portanto, pela legislação da palavra oral e dos laços de sangue,¹ emigradas daí quase que para outro planeta onde os fatos jurídicos formais se impuseram a ferro e fogo para a garantia da geração e preservação de fortunas em escalas fenomenais, são forçadas a se situar nas bordas externas do sistema de acumulação dominante e a prosperar apenas a partir dali.

Aprisionadas na margem e carregando uma ancestral ideia de honrabilidade, despencando dessa beira para fora do modelo de prosperidade

¹ E das “leis não escritas da família – em nome das quais Antígona afronta os decretos do tio Creonte, para dar sepultura a seu irmão...”, nas palavras da psicanalista e historiadora Elizabeth Roudinesco, no belo livreto *Jacques Lacan, passado e presente*.